# PREFÁCIO

Se a tristeza tem algo de bom, é conseguir trazer a mudança. Eu já não quero esta vida. A vida que tenho levado nos últimos anos. A vida que me tem feito esquecer de mim mesma e de tudo aquilo que me faz realmente feliz.

Tenho vivido no meio de saudades de tudo, ao ponto de não conseguir entender aquilo que realmente preciso, mas sei que não posso ficar mais no mesmo lugar, à espera de que algo mude quando eu não luto por qualquer mudança. Não posso continuar a ser a mulher que chora nos cantos sozinha, mas que acaba por aceitar os dias iguais que lhe causam dor e a fazem chorar.

O telemóvel toca. Atendo com a voz rouca por estar em silêncio há demasiado tempo. Tenho o computador ao meu colo, com o ecrã numa página que me irá mudar a vida se eu assim permitir, basta que apenas clique num botão.

– Então, já compraste? – A voz da Frederica enche o vazio do quarto e o meu coração acelera por nervosismo.

– Não sei se sou capaz… E o Miguel?

– Já lhe explicaste tudo, não já?

– Sim, mas…

– Para com isso. Chega de dares desculpas a ti mesma.

A Frederica é sempre a voz da razão. Eu aceito os seus comentários porque ela realmente age da forma que me diz que eu devo agir. Não é hipócrita. Se quer algo, ela luta por isso. Chega até a ser inspirador mesmo que ela esteja longe.

Clico no botão do meu rato e no ecrã começa a aparecer o processamento do meu pagamento. Tenho as minhas mãos a tremer. O meu corpo hirto como se eu estivesse a cometer a maior loucura da minha vida. Até agora é, mas espero que algo mais louco que isto me aconteça. Espero que a minha vida tenha mais vida do que a vida que tem tido.

– Já está? – pergunta a Frederica com uma voz energética mesmo que sejam três da manhã.

– Sim.

Não quero acreditar que aquilo que planeio há meses é agora uma realidade. O meu sonho de ir para a Tailândia tornou-se num bilhete que me fará ir para o aeroporto daqui a seis meses. Sinto que estou a sonhar, mesmo que o nervosismo esteja a corroer a minha alma.

– Estás a ver? Não foi assim tão difícil!

– E agora? O que digo ao Miguel?

– Para com isso, Júlia. Já lhe disseste que querias ir.

– Mas ele achava que não passavam de ilusões da minha cabeça.

– Júlia, para de te condenar por estares a lutar por aquilo que te faz feliz.

Eu sei que o Miguel não irá influenciar a decisão que acabei de tomar. Ele terá de aceitar as minhas escolhas mesmo que não sejam aquilo com que ele concorda. Porém, custa-me saber que estou a quebrar-lhe o coração quando ele apenas juntou os pedaços quebrados do meu. Nunca pensei que seria eu a trazer o final para a nossa relação, mas agora aqui estou, com um bilhete na mão que me levará para longe dele e que mudará a minha vida por completo.

– Tens a certeza de que não consegues ter uma relação à distância?

– Eu não quero levar nada da minha vida para Banguecoque. Eu ainda o amo, mas não consigo sentir o peso da sua presença quando tudo o que quero é fazer isto sozinha para me conseguir encontrar.

– Achas que ainda o amas?

– Claro que sim – respondo rispidamente.

Esta não foi uma decisão fácil. Os últimos meses têm sido complicados. Tive sempre demasiadas vozes dentro de mim para que eu conseguisse ouvir apenas uma. E tinha também demasiadas perguntas sem qualquer resposta. Não sabia se aquilo que tanto queria era aquilo que eu deveria fazer. Mas fui poupando dinheiro, trabalhando nas folgas e nos feriados sem gastar um euro que seja em algo supérfluo.

Já tinha o montante suficiente para comprar o voo há mais de dois meses, mas acabei por ir adiando. O medo conseguiu ser sempre mais forte, mas esta semana soube que tinha de seguir em frente com a minha decisão, antes que a inércia me definisse e eu ficasse eternamente conhecida como aquela que ficou à espera de uma mudança.

A minha vida tem sido tão complicada que já nem sei que mulher sou. Conheço apenas as minhas dores, que carrego com demasiada profundidade. Ganhei-lhes carinho com o tempo, pois elas permaneceram quando tudo foi desaparecendo à frente dos meus olhos. Fui-me desconhecendo com a solidão que se agregou aos meus dias. Mas sou fiel, incapaz de largar por inteiro quem sempre me acompanhou.

Devido à minha lealdade com aqueles que eu mais amo, passei os últimos anos a pôr de parte os meus sonhos como se eles fossem algo que não me pertencem. Cancros na minha vida. Emplastros que me sufocam. Havia vozes em mim que me diziam para lutar por aquilo que queria, mas eu ignorava-as sempre, porque a realidade batia em mim com tamanha força que me deixava sem forças e com a minha alma cinzenta. Foi por isso que permaneci nos mesmos lugares, quieta e tristemente silenciosa, pois mesmo que seja difícil de lidar, a rotina acaba sempre por ser mais confortável do que a mudança.

Há muito tempo que não sou quem eu quero ser. Não sou a mulher que espero que a minha filha seja, nem a que a minha mãe queria que eu me tornasse. Tenho carregado essa noção há demasiado tempo, o que faz com que, dia para dia, me torne cada vez mais doente, mais vazia, menos eu do pouco que ainda sou. Cheguei ao limite. Não quero continuar a ser este pássaro que se mantém dentro da gaiola mesmo que a porta esteja aberta. Quero tornar-me no pássaro que voa em luta pela sua liberdade assim que vê a porta mal fechada. E foi por isso que comprei o bilhete. Porque espero ganhar as asas que a rotina e a dor me tiraram.

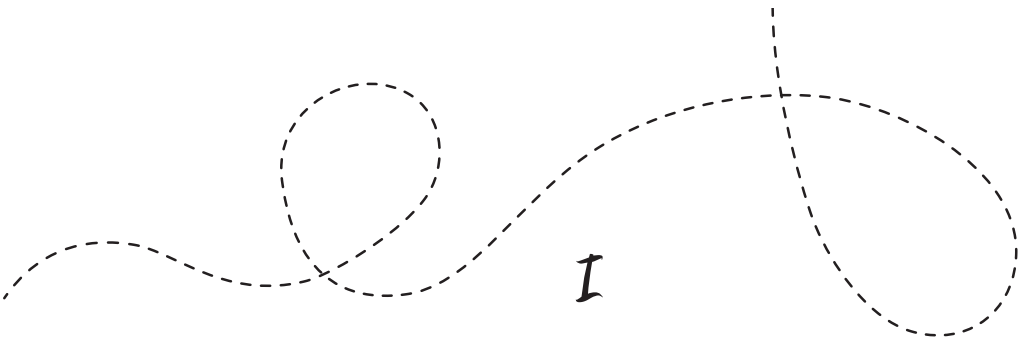
Quem me ama não me entende. Veem as minhas lágrimas e não sabem como as podem secar. Acreditam que os meus sonhos tornarão tudo pior ainda. Dizem-me que fugir aos meus problemas não os irá resolver. Entendo-os e até chego a concordar com certas coisas que dizem, mas eu não consigo resolver nada da minha vida quando ainda não me resolvi a mim mesma. Tenho demasiadas arestas por limar, feridas por sarar e problemas por resolver. Quem me ama diz que me pode ajudar, mas não pode. Só eu tenho o poder de conseguir voltar a ser eu mesma. E é longe que eu me vejo a encontrar.

Não posso continuar a carregar as expectativas que acumulam em meu nome. Tenho de conseguir livrar-me da bagagem emocional que me pesa a alma e que não me permite seguir em frente, e se tiver de ir

contra aquilo que me dizem, assim farei. Foi por tudo isto que comprei um bilhete só de ida para Banguecoque. Precisei de uma madrugada destas, em que sou apenas pensamentos loucos e desejos. Não sei se foi o sono ou o cansaço de estar a viver uma vida que não é a minha, mas entreguei-me ao destino mesmo que ele só me tenha quebrado até agora. Ofereci-me ao mundo depois de anos confinada a uma vida que não tem sabor e agora tremo por não saber o que me espera e por querer mostrar a todos que estão errados e que eu conseguirei encontrar algumas respostas e calar todas as vozes que sempre me seguem.

O destino não tem sido meu amigo. Nos últimos anos arrancou-me toda a esperança que tinha e que era a única coisa que me mantinha de pé, o que me fez entregar ao escuro, ao vazio e a dias sem vida. Mas hoje decidi esquecer tudo isso. Dei ouvidos a uma parte de mim que me suplicava há anos por uma mudança e neguei todas as vozes que me chamavam de egoísta. Gostava que fosse sempre assim já que não teria estado anos aqui, a ver os meses do calendário a passarem sem qualquer felicidade.

A Frederica é um grande apoio. Uma voz que cala aquelas que me sugam e me deixam oca. Tem sabor a lar, mesmo que esteja longe. Hoje precisei da sua força, das suas palavras que me recordam que ser egoísta não é algo sempre mau. Ela é única que me apoia agora, mas espero que o tempo ajude todas as pessoas que eu amo a entenderem que o altruísmo pode ser uma prisão perpétua se não deixarmos os nossos sonhos terem mais força que ele, uma vez que seja.



Tenho os olhos inchados. Nem acredito que chorei a noite toda. Achava que tudo acabaria por se tornar mais fácil, que com o tempo me iria habituar à ideia de que a minha vida está prestes a mudar. Não sei se será para melhor, mas sei que nada voltará a ser o mesmo. Depois dos meus olhos verem um mundo diferente daquele a que estou habituada, eu nunca irei conseguir observar as coisas como sempre as vi.

Penteio o meu cabelo e decido não o secar. A minha cabeça está demasiado ocupada com mil pensamentos para me conseguir preocupar com as ondas naturais do meu cabelo, que eu tento sempre esconder por hábito. Olho para o espelho e encaro a mulher que sou. Tenho vinte e três anos, mas sinto que já vivi mais vidas que muitas pessoas com sessenta, não porque vivi demasiado, mas porque as desilusões conseguiram criar um peso em cima de mim que apenas pessoas mais velhas sentem.

Calço umas *Converse* de cano alto e tiro um casaco do bengaleiro, perto da porta da entrada, que ainda está cheio de sobretudos do meu avô. Já se passaram demasiados anos desde a sua morte, mas ainda não consegui mexer nas poucas coisas que tenho de quem partiu da minha vida. Talvez seja esse o meu problema, mas se não tivesse as pequenas coisas que me remetem ao passado e me recordam do quão feliz fui, não sei como teria sobrevivido nos últimos anos.

Chove pouco, mas as flores do jardim acumulam pequenas gotas nas suas folhas. Gosto do cheiro a terra molhada e da mudança de estação. Saber que o mundo gira e que as coisas à minha voltam mudam faz com que eu me sinta viva por meros segundos.

Entro no carro depois de uns minutos a apreciar esta rua que me viu crescer. Amanhã estarei de partida e já sinto mais saudades deste asfalto gasto do que alguma vez pensava que viria a sentir. Não amo esta vida, nem sou feliz, mas tenho carinho por este lugar que me viu a tornar mulher. Mesmo que o meu peito esteja rasurado e a minha

alma gasta por tudo o que aconteceu aqui, não posso deixar de sentir que uma parte de mim sempre pertencerá a este sítio.

O hospital não é muito longe da minha casa. Quando os meus avós a compraram, pareciam estar a adivinhar o futuro infeliz que se tornou no meu presente há demasiados anos. Conheço a maioria dos enfermeiros e até já cheguei a trocar algumas palavras sobre os meus planos de vida com alguns deles. Sei que eles já estão habituados à minha presença e eu não quero que eles pensem que algo aconteceu quando eu estiver pela Tailândia, por isso decido contar o que irá acontecer amanhã.

A Soraia dá-me um abraço. Os *pins* que tem presos na bata batem contra o meu peito e o seu perfume entranha-se no meu cabelo. Estou-lhe agradecida. Aliás, estou agradecida por todos eles, pois fazem-me sentir que a minha avó ficará em boas mãos e que, mesmo que eu vá para longe, ela nunca estará realmente sozinha.

– Estou mesmo feliz por ti – diz depois de um abraço longo.

O seu cabelo está a começar a ficar cada vez mais grisalho. Já está há alguns anos nesta terra e a outros bons a trabalhar nesta área. Numa das nossas primeiras conversas, contou-me que sempre quis ser enfermeira e que não se imagina a fazer outra coisa. Lembro-me que lhe sorri, que perguntei o que lhe mais custa de lidar na sua profissão e que ela me disse que lhe partia o coração ver a solidão nas pessoas pelos olhos que vão perdendo, aos poucos, a força. Disse-lhe que nunca deixaria a minha avó nessa posição e que estaria sempre a seu lado até ao seu último dia e agora aqui estou, a fazer uma última visita antes de me ir embora.

– Não achas que deveria ficar? – pergunto.

– Não. Tu mereces ser feliz. Não podes continuar a tua vida assim. E a tua avó ficará bem.

Aceito as suas palavras. Talvez esteja apenas a ser simpática comigo, mas o seu sorriso parece genuíno e faz-me crer que ela realmente acredita que a minha decisão é a correta. Não espero que todos a entendem, mas gostava de não me sentir condenada se estou pela primeira vez a fazer algo que eu realmente quero, sem pensar apenas nos outros e naquilo que eles precisam.

Vejo a minha avó na mesma cama de sempre. Tem os olhos fechados e a boca aberta. A sua mão está pousada em cima da barriga, da parte

de fora da cama. Os seus dedos são magros e as suas mãos azuladas pelas veias grossas que parecem ocupar toda a sua pele. Com os anos, tem ganhado sinais e perdido o avermelhado das bochechas. Há dias que a olho e apenas vejo uma representação daquilo que tive um dia e que nunca conseguirá ser igual.

Sento-me perto da cama e seguro na mão que acolhe um cateter. O seu toque é frio, mas continua a saber-me a amor. As máquinas apitam ao meu lado e no corredor os enfermeiros dividem tarefas. Lágrimas envergonhadas começam a jorrar pela minha cara. Gostava de poder ter a certeza de que a minha avó entende o que está a acontecer e saber que concorda com a minha decisão, mas há anos que não ouço uma palavra com sentido a sair pela sua boca para que hoje tenha uma despedida que me consiga dar forças. Agarro as suas mãos com força. Amo-a tanto, mais do que alguma vez poderei dizer ou demostrar, e sinto-me pessimamente por me estar a ir embora, mas sei que ela odiaria ver-me a viver a vida que tenho vivido. Sei que, se ela pudesse, me diria para eu ir embora.

Deito a minha cabeça perto do seu corpo. A sua presença é silenciosa, mas tem mais intensidade do que a maioria. Mesmo que nada me possa dizer, eu sinto o seu amor no ar e na maneira que o meu peito se sente em paz por vê-la. Mesmo que não me ouça, conto-lhe os meus planos. Falo sobre o Miguel, sobre a Emília e sobre tudo o que deixarei para trás. Justifico-lhe a minha decisão. Conto-lhe que espero encontrar a felicidade e que, pela primeira vez há muito tempo, consigo sentir no meu peito algo mais que tristeza.

A minha barriga começa a roncar com fome. Como é o último dia e não trabalho, tento passar o máximo de tempo possível com a minha avó. Tento dar-lhe hoje o que não conseguirei dar nos próximos meses, mesmo que saiba que a minha ausência não conseguirá ser diminuída pelas horas que passo a seu lado hoje.

A Soraia entra no quarto com o seu passo leve. Fala com o outro paciente que está meio adormecido na outra cama do quarto. Ele não lhe responde, mas ela continua a conversa como se não se conseguisse aperceber de que está a falar sozinha. Eu sorrio-lhe e ela pisca-me o olho. A minha avó está há tanto tempo neste hospital que já nem consigo lembrar da quantidade de vezes que vi a cama do lado com novos pacientes. Vou conhecendo as suas histórias, mas nunca acabo por ter

tempo para saber muito mais. As pessoas acabam sempre por ir para casa ou não aguentarem o peso das mais variadas doenças e deixam a cama vazia para outro paciente, que a ocupa umas horas depois.

Não consigo imaginar esta cama a ser ocupada por outra pessoa. Mesmo que eu não me sinta feliz por isto, sinto que a casa da minha avó passou a ser este quarto de tons pálidos, de paredes brancas e com uma janela que pouco abre e que estou proibida de tocar para não piorar o estado de quem está neste quarto.

Beijo a testa da minha avó uma última vez. O seu cabelo branco está cada vez mais fraco. Sorrio-lhe e prometo que tudo acabará por ficar melhor. Peço-lhe que espere pelo meu regresso e que a amarei até do outro lado do mundo. O meu peito arde e a minha garganta está seca, mas tenho estado infeliz há demasiados anos para conseguir aguentar mais. Se não me mexesse agora e lutasse pela minha felicidade, não sei se me aguentaria muito mais tempo nesta terra.

Volto a ir ter com a Soraia. Abraçamo-nos. Agradeço a todos os outros enfermeiros que passam apressados pelo corredor. Digo-lhes que não sei quando irei voltar, mas que a Emília irá estar aqui todos os dias, dando-me a possibilidade de ver a minha avó uma vez ao dia, como atualmente vejo. Travo o choro e vou até ao carro sem saber se estou a ser a pessoa mais egoísta do mundo ou alguém que apenas está a lutar por aquilo que a faz sentir viva.

Antes de chegar a casa, sinto-me com medo. Não com medo de que não consiga vir a ser feliz, mas que esteja a causar dor ao Miguel quando posso não conseguir encontrar aquilo que desejo na Tailândia. Não o quero magoar por nada e chegar daqui a uns meses a Portugal com a nossa relação desfeita por ter tomado uma decisão que apenas nos feriu e nos afastou. Sei que não irei ser a mesma e que nunca poderei regressar igual a como estou, mas tenho receio de que não encontre nada daquilo que eu espero encontrar. Posso até encontrar algo que me irá dizer que a minha decisão não passou de um erro e que eu tenho, de uma vez por todos, de aceitar aquilo que a vida me dá, mesmo que não goste.

Tento recompor-me antes de entrar em casa, para não dar mau presságio ao que irá acontecer. Quero abrir a porta da minha casa e sentir-me completa, com mais certezas do que aquelas que tenho agora. Respiro fundo e ligo à Frederica. Ela conta-me o seu dia, diz-

-me que conheceu alguém mas que não quer nenhum relacionamento longo por agora, pergunta-me se eu estou bem e eu digo-lhe que estou reticente, ela ri-se e diz que aquilo que eu estou a sentir é normal de quem está realmente a viver e que eu deveria estar feliz por me sentir ansiosa pois se não me estivesse a sentir assim, seria porque nada estava prestes a mudar.

– Queres mudança, não é? – pergunta.

– Sim.

– Então, aceita que ela te vai deixar nervosa e que amanhã ainda vai ser pior, mas pior que sentires isso é sentires-te encurralada como te tens sentido nos últimos anos.

Antes de a Frederica ter ido para Madrid, passávamos as tardes de folga a ver séries e filmes enquanto comíamos chocolates e pipocas. Lembro-me de rir até chorar a seu lado e de conseguir sentir-me leve por minutos. Quando acabámos o curso, ela decidiu ir para Espanha fazer o mestrado. Tentou convencer-me, mas eu não conseguia sair daqui. Estava demasiado fraca, confusa e frágil para me colocar numa situação que iria mudar a minha vida. E eu queria estar com o Miguel. Precisava do seu apoio como se ele fosse tudo aquilo que me conseguia manter viva.

Ainda hoje sinto que não sei quem sou sem o Miguel. Foram demasiados os anos que passei a seu lado e demasiadas as quedas que ele me ajudou a erguer. Devo-lhe tudo aquilo que hoje tenho, pois não sei quem eu seria se ele não estivesse ao meu lado. Ter-me-ia tornado num fantasma que nunca iria conseguir sobreviver ao que a vida lhe fez.

Ganho coragem e sigo até ao sótão da minha casa. As malas estão guardadas lá, cheias de pó pelo pouco uso que lhes dou. Tiro duas. Uma grande de pano, com um padrão feio e escuro, e uma pequena de plástico forte e preto, com vários arranhões pelos anos que tem. Lavo-as na cozinha enquanto danço uma música que sai pelo rádio velho da minha avó. Numa bolsa dentro da mala pequena encontro um caderno velho amarelo com umas receitas da minha avó, tudo escrito a lápis. Sorrio. Gosto de encontrar pedaços de vida perdidos. Sinto que um caderno velho pudesse ser uma surpresa da minha avó. Agarro-o com força e levo-o para o quarto com as malas.

Tenho dois amontoados de peças de roupa que quero levar. Um de roupa casual e que costumo usar e o outro de peças com mais brilhantes

e que poderei usar para sair à noite. Escolho uns pijamas de verão e levo os *Converse*, os *Paez* e umas *Havaianas* gastas que quase já perderam toda a cor. Dobro tudo com cuidado, deixando umas toalhas de banho no topo por já saber que irei tomar banho assim que chegar a Banguecoque.

Continuo a dançar ao som da música mesmo que a mesma agora esteja longe. Dobro as peças com cuidado e olho à minha volta para ter a certeza de que não deixarei algo que preciso cá. Sento-me em cima da mala maior para a conseguir fechar e arrumo as peças que acabei por decidir não levar.

Costumo ter tudo planeado. No meio da confusão que a minha vida se tornou, eu ainda tento organizar tudo. Sei que os dias acabam sempre por ser inesperados e que ninguém pode ter a sua vida delineada, mas uma parte de mim quer acreditar que tem controlo sobre aquilo que pode vir a viver. Decidi não lhe dar ouvidos desta vez. Se até agora tenho vivido no meio de planos e não tenho sido feliz, na Tailândia quero entregar-me ao imprevisível. Por isso, não marquei nenhum hotel. Sei as cidades que quero visitar, mas não reservei nada. Quero que o vento me leve e começar a caminhar sem saber como irei viver o dia de amanhã.

O meu telemóvel começa a tocar. Corro até à cozinha, onde o deixei. É o Miguel. Sinto as pernas fracas, não da maneira que senti quando demos o nosso primeiro beijo, mas porque não o quero ouvir repetir o mesmo discurso que tenho ouvido nos últimos seis meses. Atendo, depois de respirar fundo.

– Sim?

– Eu tenho de te dizer uma coisa, uma última coisa – diz com a voz trémula, o que me faz sentir um aperto no estômago que tento ignorar.

– Eu acho que é melhor não. Nada do que irás dizer me vai fazer ficar. Eu vou – digo-lhe firmemente.

– Sim, eu sei. Não te quero impedir que vás, só me quero despedir para conseguir fechar a página e seguir em frente. Não te vou impedir de ires, pois sei que é o melhor para ti, e se eu te amo, não te posso impedir de seres feliz. Deixa-me levar-te até ao aeroporto amanhã.

– Mas… Miguel… – As palavras faltam-me, pois sei que não há nenhuma desculpa real que realmente o pudesse impedir de ir comigo. Eu devo-lhe uma despedida.

– Júlia, por favor.

– Pronto, está bem. Amanhã às dez?

– Assim será. Até amanhã – responde com uma voz mais alegre, o que me assusta.

O Sol está a pôr-se. O céu tornou-se numa mistura de amarelos e encarnados que me alegram. Decido aquecer água numa panela velha para beber um chá na mesa do jardim. O chilrear dá-me paz e o cheiro das flores ainda me traz o sabor a verão, mesmo que já seja setembro. O tempo está ameno depois de um estio com temperaturas de quarenta graus e sabe-me bem sentir este vento leve, já que amanhã estarei de partida para um país quente.

Eu sei que, aos olhos dos outros, pareço uma louca que tenta fugir a um destino que já está traçado. No café onde trabalhava sorriram-me por educação quando lhes contei os meus planos, mas sei que ninguém realmente entende. A Frederica apoia-me e sabe que é o melhor para mim, mas não creio que ela realmente entenda que eu estou tão envolvida no luto das duas pessoas que mais amei e que me perdi por completo. Ela quer que eu seja feliz, mas não vê esta viagem como a última possibilidade. Eu vejo. Ou a Tailândia me permitirá respirar de novo e me fará lembrar de quem eu realmente sou, ou nada mais me salvará.

Sempre que alguém se despede de mim, eu sei que já está a contar os minutos que demorarei a voltar a este local, que sempre tive de chamar de casa, mesmo que dentro de mim soubesse que não é aqui que eu pertenço. Veem a minha escolha como uma missão fracassada, mesmo que ainda nem tenha partido. Custa-me não ter o apoio que desejava, mas consegui criar anticorpos que não me deixarão desistir tão facilmente se algo correr mal na Tailândia.

Às vezes, ponho-me a pensar se as críticas que ouço ou vejo em certos olhares são baseadas na coragem que lhes falta e de verem em mim o que querem ser, mas não conseguem. Tenho a certeza de que não sou a única com a vontade gigantesca de ir explorar becos e estradas sem fim, mas acho que quem o deseja decide fechar os olhos aos seus sonhos pois lutar por eles pode fazer com que acabem sem nada, nem mesmo com esperança, mas eu decidi que prefiro o vazio de ter tentado do que o vazio de chegar ao final da vida sem as minhas questões respondidas por não ter tido a coragem de tentar. Como aqueles que me criticam, eu não sei qual será o resultado final deste capítulo que vou

abrir amanhã, mas sei que, qualquer que seja o final, será melhor que o ponto onde estou na minha vida, pois viver do «e se» é morrer lentamente numa vida que não se viveu. É nisso que me foquei nos últimos meses, sempre que pensava voltar atrás com a minha escolha.

Volto para dentro de casa com a pele arrepiada. O sol já desapareceu e deu o seu lugar à lua. Assim que me sento no sofá velho da sala, que descai para apenas um lado, faço um esforço para que apenas momentos bons se plantem neste perfume para que um dia, quando quiser voltar a esta casa que me viu cair milhares de vezes, mas que também me ensinou, à força, a me erguer, não venha com o ódio por achar que não há um local onde posso regressar. As divisões podem estar vazias e ter apenas o som dos meus passos a acompanhar-me durante as noites, mas pelo menos esta casa existe. Se algo correr mal, tenho sempre um local para onde posso regressar e eu quero lembrar-me disso, pois mesmo que não seja a melhor opção, pelo menos tenho uma. Uma que foi construída com amor, mesmo que ele agora não viva aqui. Esta casa, que nunca quis chamar de lar, ficará no mesmo sítio, de braços abertos para mim, o que me faz descansar mais um pouco, mesmo que eu não a ame e não a deseje. Mas sinto paz por saber que tenho a opção de regressar para ela se todos os meus planos ruírem. Sabe-me bem saber que irei visitar os recantos deste mundo, mas que terei algo que não fugirá pelo meio dos meus dedos e que não me deixará completamente desamparada.

Deixo as malas na sala, perto da porta. Decido ir para a cama. Quero dormir bem para amanhã estar com energia. Estou nervosa, mas feliz. É uma mistura de sentimentos que nunca saboreei. Viajo pelos meus pensamentos e penso no Miguel e de como há um ano estava tudo diferente. Os últimos meses têm sido difíceis de suportar desde que larguei uma bomba entre nós dois. Falámos sobre o futuro e várias vezes acabámos discussões com gemidos e beijos que não deviam ter acontecido. Por estarmos tão habituados um ao outro, foi-nos difícil aceitar a distância com que temos vivido nos últimos meses, desde que o calendário nos mostrou que a minha despedida estava próxima.

Mesmo que a decisão tenha sido minha, tenho estado a ignorar a realidade. Agora, o nosso amor só poderá estar vivo na nossa memória. Os anos que passámos juntos são agora um pó que sei que se irá desfazer mais com o tempo. Mas sinto-me bem por poder olhar para

trás e entender que sempre fui sincera, tal como lhe prometi desde que me apaixonei por ele. Nunca lhe omiti os meus desejos, mesmo que ele não me levasse a sério sempre que eu lhe dizia que queria mudar a minha vida e ir para longe.

Enquanto espero que o sono me ataque, olho para a escuridão e despeço-me dela como se estivesse a dizer adeus à minha melhor amiga, pois é ela que tem acompanhado as minhas noites e é ela que tenho sentido antes de adormecer, mesmo nos piores dias. É com ela que tenho falado todas as vezes que a vida me levou para caminhos sinuosos que me quebraram a alma e os joelhos e foi ela que viu o meu sorriso nas vezes que adormeci apaixonada. Eu sei que a vida que tenho vivido não é aquela que mereço, pois já nem a escuridão e eu aguentamos mais as minhas lágrimas, dúvidas e pesadelos.

Pensava que a noite iria acalmar as minhas dúvidas, mas os sonhos atacam-me e levam-me para um lugar longínquo, onde não consigo respirar. Lá, o meu pai beija-me a testa e deseja-me boa viagem enquanto me abraça fortemente. Nunca senti os seus lábios na minha pele nem as suas mãos na minha cara e, mesmo que um sonho não passe de uma ilusão, sentir a sua presença sabe-me bem. Porém, até neste momento, no meu próprio sonho, eu estou a sonhar e sei que esse beijo não passa de um desejo que carrego desde criança. Com as lágrimas a escorrem-me pela cara neste mundo paralelo, que é tão idêntico àquele onde eu vivo, escrevo num caderno amarelo que a minha imaginação criou só para mim, imitando aquele que encontrei hoje no mundo real.

Eu sei que vou. Quero dizer que vou ver o mundo, conhecer pessoas, provar novos sabores e deixar que certos cheiros me encham a alma, mas a verdade é que eu sei que vou à procura daquilo que nunca tive da tua parte, aquilo que sempre me faltou.

*Quando olho para o Miguel e ele me limpa as lágrimas, o meu coração enche-se de calma porque nunca ninguém parou um segundo para tentar acalmar as minhas feridas abertas. Com ele, tentei tapar os buracos que deixaste em mim e vi nos seus olhos o pai que queria que tivesses sido. Sempre fiquei na esperança de que um dia criássemos uma família onde o primeiro homem que amasse a minha filha fosse o pai dela e eu sempre acreditei que ele seria perfeito nisso. Baseei a minha vida na tua*

*ausência, mas não quero carregá-la mais, não nesta nova fase, não neste novo mundo que vou oferecer a mim mesma, que irá compensar todos os natais em que não me ofereceste nada.*

*Pai, eu quero ver o mundo e não estar apenas a vê-lo para ver se te encontro numa multidão, pois já entendi que nunca estarás lá e que, por mais que espere, uma vida não me bastará para te ver regressar. Pai, eu quero conhecer pessoas sem tentar imaginar como seria o amor e a compaixão que ofereço a estranhos se os tivesse sentido de ti. Finalmente entendi que, pior que aquilo que não me deste, foi tudo aquilo que eu aceitei em teu nome por não teres ficado: os medos, as feridas, as inseguranças e as saudades. Pai, eu quero provar novos sabores sem ter de imaginar como seria a minha véspera de Natal se tivesses querido sentar-te a meu lado a veres-me a abrir os presentes com os olhos abertos e brilhantes. Não sei onde estás, mas sei que não sabes a dor que causaste por todas as vezes que, quando era criança, pensava que tinha errado por não estares presente, pois para mim isso era um castigo que eu merecia por um ato que eu não sabia qual era.*

*Pai, eu quero que novos cheiros me encham a alma enquanto o meu peito se enche de felicidade, sem me questionar qual é o teu perfume preferido e o cheiro do teu abraço, que eu pedi todas as noites antes de adormecer mas que, mesmo assim, nunca recebi.*

*Pai, eu sei que vou. Queria-me despedir de ti, beijar-te a cara e sentir saudades da tua presença, mas eu nunca a senti, por isso não haverá nada de novo. Quando eu entrar no avião, vou deixar estes desejos neste país a morrerem sozinhos para que quando eu voltar haja apenas o mundo que vi sem te procurar.*

*Pai, eu vou sem saber se volto tal como tu fizeste.*

Quando a caneta se pousa numa secretária que o meu subconsciente criou, acordo. A minha cara está cheia de lágrimas e a minha respiração ofegante, como se estivesse estado a fugir. Só eu sei o quanto queria fugir de todos estes pensamentos que me acompanham desde que me lembro.

Para me acalmar, decido ir à cozinha e beber um copo de água fria. O vazio desta casa é sentido a cada passo. Normalmente, as minhas noites costumam ser mais fáceis porque, mesmo que o silêncio seja a única coisa que enche a casa, eu já me habituei a ele, mas hoje parece-

-me tudo mais pesado, como se o meu subconsciente quisesse guardar apenas as memórias más para que elas me prendam aqui, deixando-me sem força.

São duas da manhã. Sinto que o tempo está a passar por mim e não eu por ele. O ar está quente, o que dificulta a chegada do sono. O meu quarto ainda é de menina, com cortinados cor-de-rosa e uma cama branca de princesa. Nas prateleiras estão livros de infantis, fábulas e contos ao lado de poesia e prosas pesadas. Esses foram os livros que me fizeram suportar o vazio da minha vida depois do que aconteceu. Os puxadores do armário brilham e nas paredes tenho fotografias que foram tiradas há mais de dez anos. O meu quarto é um local melancólico, onde o presente está preso com o passado e onde se entende, visivelmente, que eles não devem estar unidos, seja de que maneira for, mas apagar o rosa das paredes e tirar tudo aquilo que construí ao lado de quem amava, quando esta casa ainda estava cheia de barulhos e de amor, é deixar que o tempo leve pedaços que eu prometi que nunca iria esquecer.

As minhas lágrimas começam a surgir pela dor e culpa que carrego. As minhas mãos agarram-se aos lençóis para que o choro não passe para uma dor tão profunda que me irá marcar os meus olhos amanhã, o dia que deveria estar mais feliz que nunca. Gostava de ter outra opção do que deixar a minha avó aqui sozinha. Gostava que o mundo me permitisse ser feliz sem que me tivesse de sentir culpada. Gostava de conseguir pensar apenas em mim, como todas as pessoas da minha idade, sem ter de escolher a presença de quem eu mais amo.

Chamo pelo Miguel como se ele me pudesse ouvir. Peço-lhe desculpa como se ele estivesse agora à minha frente. Começo a chorar por saber que ele não entende aquilo que é para mim. Pensa que eu não o amo, que fui esquecendo com o tempo e que agora quero viver uma vida como se ele não existisse. Não é verdade. Quem me dera conseguir levá-lo comigo na minha missão de me encontrar a mim mesma e não ter de o deixar aqui, com o coração partido. Porém, eu sei que tenho de fazer este caminho sozinha, de me erguer sem ajuda de ninguém e de procurar aquilo que me falta e que ninguém sabe o que é. Não o posso ter a meu lado se nem eu sei quem sou. Eu amo-o, sinto-me agradecida por tudo o que ele me deu, mas não posso permanecer no mesmo lugar se já perdi todo o amor próprio que tinha.

O choro deixou-me exausta. Sinto a minha cabeça a latejar e as minhas pernas pesadas. Deito a cabeça na almofada e tento não pensar em nada. De repente, o meu corpo decide dar tréguas e adormeço, sem pesadelos ou tristezas, como se se tratasse do primeiro dia do fim da vida que sempre tive e que nunca desejei ter.

Quinze minutos antes de o despertador tocar, o meu corpo acorda pela ansiedade que este dia traz. Assim que me levanto, ouço o estalar da madeira a cada passo que dou. Abro a janela e deixo o sol entrar. O dia está bonito, o céu azul, e parece-me que não vai chuviscar como ontem. Fico feliz. Quero que este dia seja perfeito e que nada o consiga estragar quando daqui a uns anos me recordarei dele.

Ao espelho, encaro a minha cara para analisar se os outros conseguem ver nos meus olhos a ansiedade que sinto. Felizmente, os meus olhos não estão tão inchados como eu pensava que iriam estar. Quando chego à cozinha, rego as plantas, espremo umas laranjas e meto duas fatias de pão na torradeira. O meu robe de seda brilha quando os raios de sol embatem contra ele, fazendo-me sorrir.

Normalmente, não costumo ter tempo suficiente para preparar o pequeno-almoço, mas achei importante que hoje não fosse um dia igual aos outros em que vivi numa correria constante. Estar aqui, a falar com as plantas e a beber um sumo natural, faz com que o meu novo objetivo para os próximos dias seja ter manhãs assim, onde não haja qualquer pressa. Só paz e tempo para mim.

O sol, cada vez mais forte, entra pelas janelas. As torradas dão um salto, avisando-me de que estão prontas. Barro o pão quente com compota e acendo a televisão, que traz vozes que me fazem companhia durante o pequeno-almoço. O cheiro a compota faz-me lembrar da minha avó e de como tinha sempre as prateleiras da cozinha com potes de doce de abóbora caseiro e compotas de frutos vermelhos deliciosas. É triste já não ter nada disso, mas sinto-me feliz quando memórias como esta chegam até mim e me recordam do quão feliz já fui e do quanto amada já me senti.

Como já tenho tudo pronto, decido fazer a cama, tomar um duche rápido e reler alguns poemas de Charles Bukowski, como se fosse a última vez que essas palavras me pudessem realmente atacar por me rever nelas.

Ouço a campainha a tocar. Sei que é a Emília. Combinámos que hoje lhe entregaria a chave e que nos iríamos despedir com um abraço apertado. Mesmo que ela não acredite que a minha decisão seja a mais acertada, aceitou logo ajudar-me quando lhe perguntei se poderia ir ver a minha avó todos os dias enquanto eu estiver fora. Sei que ela gosta de visitar a minha avó e que, no meio de uma rotina solitária, ocupada por livros e jardinagem, gosta de ajudar os outros e sentir-se precisa. Assim que entra, sentamo-nos na mesa da cozinha e dou-lhe a chave de casa para que as plantas sejam regadas. Explico o fuso horário e as horas a que me deve ligar. Como resposta, a Emília sorri e dá-me a mão em cima da mesa.

Os seus olhos passeiam pela minha casa e param nas minhas malas de viagem. Sei que também lhe custa ver esta casa vazia e que os últimos anos também não têm sido fáceis para ela, pois perdeu igualmente amigos que considerava família. Levanta-se na cadeira com algum esforço e abre-me os seus braços, esperando que eu me entregue ao seu abraço. O carinho que o seu corpo me transmite faz com que eu sinta que não irei ser esquecida enquanto não voltar.

– Espero que sejas muito feliz, minha querida.

– Obrigada, Emília. Obrigada por tudo.

Para além do Miguel, a Emília foi um grande apoio. Por morar na casa à frente, vinha cá várias vezes ao dia. Depois da morte da minha mãe, trazia-me o jantar e o almoço e ainda levava alguma roupa minha que lavava e passava em casa. Com as suas mãos gastas pelo tempo, tocava-me no cabelo enquanto eu chorava na cama sem saber como iria sobreviver. Nem ela sabia como, mas nunca mo disse. Apenas sorriu e tentou dar-me todas as forças possíveis, enquanto esperava que o tempo conseguisse sarar as feridas que ninguém sabe curar. Assim que os seus braços me deixaram de envolver, beija-me a testa, como se eu voltasse a ser criança e diz-me palavras de força:

– A tua avó está orgulhosa de ti, eu sei. E a tua mãe também. – Faz uma pausa para não começar a chorar e eu sorrio-lhe pelo amor que ela sente por mim, como se fosse a minha segunda avó. – Eu sei que já te disse que não entendo bem o que estás a fazer, mas espero que encontres tudo aquilo que procuras. Espero que voltes a ser feliz, querida.

Abraço-a com força. Algumas lágrimas escorrem pelos nossos rostos. A vida mudou tanto em tão pouco tempo que ainda nenhuma de nós

se conseguiu habituar à realidade que hoje vivemos. Eu quero ser feliz e ela quer que eu seja feliz, mas nenhuma tem uma resposta certa que me poderá salvar e isso custa porque nós não sabemos se aquilo que eu espero que aconteça me leve à cura que tanto desejo.

Assim que a Emília se despediu, depois de me beijar a testa e de me tirar as madeixas irrequietas do meu cabelo de frente dos meus olhos, eu volto para o meu quarto. Sento-me no chão, encostada à cama. Ainda não acredito que não entrarei neste quarto durante meses.

Lágrimas caem pela minha cara. Prometi à minha mãe que seria feliz e nos últimos anos tenho vivido apenas da tristeza. Era ingénua, sabia a dor de não ter um pai presente, mas a dor de perder quem já fez parte da minha vida e me deu a vida é pior do que aquilo que tinha experienciado e eu não sabia. Como poderia eu saber? Só se conhece a dor quando ela nos ataca a pele, a alma e a vida. Vida que deixou de ser vida durante os últimos anos, pois eu só tenho tentado sobreviver perante o vazio que ficou. Mas hoje tudo muda. Vou tentar ser feliz pela minha mãe, pois acredito que ela está a olhar por mim, onde quer que esteja, e não quero que cada vez que chova, continue a pensar que são as suas lágrimas devido à infelicidade que aceito na minha vida por a ter perdido quando ainda devia ter tido muitos mais anos a seu lado.

Sinto-me falsa, com se não conseguisse ter qualquer força mesmo que ame a minha mãe e lhe queira dar tudo aquilo que lhe prometi. Mas quando o fiz, ainda poderia olhar-lhe nos olhos e sentir a mão dela, mesmo que imóvel, por baixo da minha. Na altura, eu não conseguia imaginar a dor de uma perda eterna. Não sabia o que era perder uma pessoa que, por mais que se suplique ao céu e se grite de desespero, nunca mais volta. Enquanto tento acalmar o choro e a minha respiração, oiço uma voz.

– Júlia? – É o Miguel e, como sempre, chegou na altura em que os meus demónios me estão a atacar mais uma vez.

Ele já me viu chorar pela mesma razão noites de seguida, enquanto eu lhe contava aquilo que sentia, mesmo que ele já soubesse de cor e me tivesse tentado salvar diversas vezes sem sucesso. Eu sei que ele não poderia fazer nada para acabar com tudo aquilo que rebenta a minha alma e acho que ele também sabia isso, mas tê-lo ali, a carregar as minhas dores, ajudou-me a ganhar forças para lutar contra os demónios que sugavam a minha energia.

A seu lado, acreditei que poderia ser realmente feliz um dia. Com ele achei que seria possível honrar a promessa que tinha feito à minha mãe. Sem ele, não sei como irão ser estes momentos, mas sei que preciso de vivê-los mesmo que as lágrimas e o choro demorem mais tempo a pararem.

Sem dizer nada, ele abraça-me e eu afundo a minha cabeça no seu peito, esquecendo-me de que devia recusar socorro, pois ele merece mais do que ser apenas o meu anjo da guarda que nunca me larga mesmo quando eu mereço que o faça. Por segundos, tudo desaparece e só há aqui duas pessoas unidas, que partilham a crueldade da vida. O meu peito volta a estabilizar-se e as minhas mãos deixam, aos poucos, de tremer. O tempo parece parar enquanto eu tento apagar os meus pesadelos nos seus braços.

Eu sei que no meu próximo momento de quebra ele não estará a meu lado e, por isso, ergo-me rapidamente por querer encarar o que será a minha vida a partir do dia de hoje. Os seus olhos ficam tristes por me conhecerem demasiado bem e por entenderem que me estão a perder por já nem o seu conforto me fazer permanecer no seu abraço. O silêncio instala-se por meros segundos e eu afasto-me depressa para que esta dor não tome mais tempo do que aquele que já ocupou hoje, no dia em que devia estar a celebrar a mudança e a felicidade e não as saudades e as desilusões.

Na casa de banho, olho para os meus olhos inchados e encarnados e questiono-me se serei esta mulher a vida toda, se estarei sempre mais quebrada que feliz, se serei mais vazia que inteira e se serei apenas um cemitério onde as saudades dormem e voltam a ter vida quando decidem, partindo ainda mais os meus pedaços já quebrados. Depois de lavar a cara e a secar numa toalha velha, regresso para o meu quarto.

O Miguel continua no chão. Os seus olhos olham-me, mas sinto apenas vazio. Vazio no lugar que antes era ocupado pela certeza que ele tinha de que iríamos ficar para sempre juntos. Custa-me vê-lo quebrado. Durante os quatro anos que tivemos juntos, sempre fui a única com feridas abertas que ardiam. Nunca o vi quebrado com as mãos a tremer como as tem agora.

– Estás bem? – pergunta-me com a voz fraca.

– Sim. Está tudo bem…

– Tens a certeza de que queres ir?

– Sim, eu não estava a chorar por isso. – Sou fria porque não lhe quero dar quaisquer esperanças. Não quero que ele pense que estava no chão por estar com dúvidas sobre a decisão que tomei há seis meses. Não quero que ele pense que tem a oportunidade de mudar as minhas ideias.

– Pronto, desculpa… é que eu ainda não sei reagir a tudo isto. – Levanta-se, mas não tira o seu olhar de mim. – Queres que te dê a chave de casa?

– Não, que parvoíce! As coisas…

– As coisas já não são como eram antes – interrompe-me.

– Sim, mas não precisas de me dar a chave. Podes vir aqui se quiseres mesmo que eu cá não esteja.

– Sabes que não o farei. – Sei. O Miguel nunca iria entrar no meu espaço pessoal se não tivesse uma boa razão para o fazer. Mesmo que lhe custe esta distância, eu sei que ele será incapaz de entrar em minha casa.

– Vamos? – Quebro o tema da conversa. O ar já está demasiado pesado para aquilo que eu desejava para o dia de hoje.

– Vamos – diz o Miguel com a voz firme.

Ele ajuda-me a levar as malas para o carro e eu dou uma última volta pela casa. Está um silêncio diferente. Um silêncio que esta casa nunca noticiou. Agora, será apenas um conjunto de paredes que uma vez testemunharam o dia-a-dia de uma família que se amava muito. Depois de ter a certeza de que as janelas estão bem fechadas e que tudo está bem, vou até ao carro onde o Miguel me espera.

A música não está suficientemente alta para calar o silêncio entre nós. Mesmo que a nossa história tenha durado anos e tenhamos superado diversos desafios juntos, a verdade é que hoje já não há muito para falar para além do que já foi discutido vezes sem conta. A decisão mudou todo o nosso futuro. Nós prometemos o amor eterno, beijámo-nos e unimo-nos como se pudéssemos ser a vida toda um do outro, mas há mais de meio ano que eu sei que a eternidade que tínhamos prometido seria impossível de alcançar.

Eu ainda me lembro do sabor do amor que senti por ele na primeira vez que nos beijámos. Porém, com o tempo, fomos tornando-nos em apenas rotina, a qual o Miguel se habitou, mas que me deixava faminta. Sempre achei que tudo era algo passageiro e da mesma forma que eu tinha perdido pedaços do meu sentimento, eu iria encontrá-los e tê-los de volta, mas tal acabou por nunca acontecer. De nós, acabou

por restar o companheirismo, a lealdade e um tipo de amor que não tinha paixão, o que fazia com que as minhas dúvidas aumentassem e as suas palavras não fossem suficientes para eu ficar, pois nelas ele retratava uma história que já não era a nossa e mantinha as promessas que eu já não conseguia cumprir.

Sei que lhe devo mais do que aquilo que algum dia lhe irei conseguir dar e sei que nunca irei encontrar uma alma tão pura quanto a sua. Por isso, também sei que ele merece tudo menos aquilo que lhe tenho feito nestes últimos seis meses. Merece alguém que fique e que não tenha problemas em ficar. Não deve continuar ao lado de quem é feita de problemas e de lágrimas que parecem que nunca irão secar. Merece a simplicidade com que ele gosta de viver e de não ter de viver perante a intensidade que me faz ser quem eu sou. Deve encontrar alguém que aceite a rotina como parte do amor e que não precise de se encontrar. Merece alguém que já tenha todas as respostas e não uma pessoa que é um acumulado de questões.

Alimentei esta relação até não restar qualquer esperança de que pudesse regressar ao que sentia ao início não só por egoísmo, mas porque eu realmente acreditava que não precisava de o perder pois iria tudo voltar para o meu peito, fazendo de mim a pessoa que ele merece. Mas eu sou insuficiente e o pior é que ele não quer acreditar nisso. Agora é ele que está preso à ideia de que um dia irei recuperar o sentimento perdido. Mas de há seis meses para trás eu comecei a entender que um amor que se gasta com o tempo nunca se poderá erguer de novo.

Eu conheço-lhe os cantos do coração demasiado bem. Não encontro maldade, mas também já não encontro o lar onde antes habitava. Agora, quando olho para ele, apenas vejo quem eu era há quatro anos e quem não quero ser mais. Não quero continuar a ser a mulher que acha que precisa de ser salva e que não cura as suas feridas por achar que precisa de uma figura masculina que o faça. Não quero precisar de alguém que me seque as lágrimas. Em vez disso, quero entender a razão de eu chorar tanto e encontrar a cura para os meus problemas. A pessoa que eu era há quatro anos atrás achava que o Miguel seria a salvação de todos os problemas, mas a pessoa que eu hoje sou não quer ser resgatada.

Não quero parecer ingrata, pois estou-lhe eternamente grata por me ter beijado as feridas abertas nos anos em que eu apenas respirava e

pouco vivia, mas eu sei que ele ficará bem. O meu vazio no seu peito irá ser ocupado por alguém que o irá beijar, desejando nada para além dos seus lábios e uma vida a seu lado, pois é esse o tipo de amor que eu antes lhe dava e é esse o tipo de amor que ele merece.

A viagem dura uma hora e meia. Trocámos olhares, mas pouco dissemos. Há uns meses atrás, o Miguel pediu-me para eu não lhe contar pormenores da viagem. Disse-me que imaginar-me lá sozinha custava-lhe demasiado e que preferia saber o mínimo. Eu concordei, como é óbvio. Nunca seria capaz de lhe mandar à cara algo que lhe criasse feridas.

– Sabes que me podes ligar a qualquer altura, não sabes? – Quebra o silêncio.

– Obrigada. Não te preocupes, vai tudo correr bem – respondo-lhe. Não lhe digo que ele me pode ligar sempre que deseja porque nem eu sei se é isso que precisarei para a minha vida. Não lhe prometo algo quando sei que há possibilidade de não o poder vir a cumprir.

– Não sabes…

Voltamos ao silêncio, mas sinto que ambos estamos a gritar por dentro. É estranho não ter o seu apoio pela primeira vez na vida. Sinto-me sufocada porque sempre lhe contei tudo e ele sempre concordou com as minhas decisões, mas agora é diferente. Sinto que estou a viver uma vida secreta, que o pode ferir a qualquer momento se ele descobrir mais do que aquilo que desejava. Por isso, tenho demasiado cuidado para não lhe dizer que estou a ir sem quaisquer planos pois sei que isso tornaria tudo ainda mais difícil.

No final da estrada já é possível avistar o aeroporto. Tudo começa a tornar-se mais real, deixando de ser um plano para se tornar numa realidade. Para se tornar na minha vida. Andamos às voltas no parque de estacionamento à procura de lugar. Várias pessoas caminham com carrinhos cheios de malas. Um frio começa a encher a minha barriga e um sorriso pateta instala-se na minha cara. Sorrio sem que o Miguel me veja, com a minha cara virada para a janela, para que não veja os seus olhos ainda mais tristes do que já estão.

Na rádio, por ironia, alguém grita que hoje é o dia de celebrar as mudanças e pôr em prática os planos que sempre quisemos para a nossa vida. Essa deixa faz com que o Miguel me olhe nos olhos e me agarre nas mãos assim que estaciona o carro perto da saída para os elevadores.

– Júlia, estás consciente da decisão que estás a tomar? Eu… – Começa a chorar. – É suposto eu esperar por ti? O que devo fazer?

Solto as minhas mãos das suas. A sua barba deve ter sido aparada há dois dias atrás e pica-me a mão assim que lhe toco suavemente na cara. Prendo os meus olhos aos seus e engulo a seco enquanto tento formular uma resposta que não o magoe, mas que me permita continuar a ser honesta.

– Miguel, desculpa se te magoei, porque nunca foi essa a minha intenção. Desejo-te o melhor, mas também quero o melhor para mim e, mesmo que agora não entendas, eu sei que esta é a melhor decisão para os dois, pois mereces mais do que tens recebido de mim. – Sei que a minha resposta não responde às suas perguntas de forma direta, mas espero que ele entenda a mensagem que está por detrás destas palavras suaves.

– Do que estás a falar, Júlia? Não há pessoa mais certa para mim, e tu sabes disso – diz-me com a voz demasiadamente calma, enquanto tenta travar o choro.

– Não, não sou, Miguel. Todos os dias fiz com que carregasses mais problemas do que felicidade e isso não é uma relação saudável, nem aquela com que sonhaste.

– Eu sonhei em estar contigo apenas. Tu é que queres partir, tu é que queres acreditar nessas mentiras que dizes a ti própria. Achas que vais encontrar tudo aquilo que procuras, mas não tens a certeza de nada. Não acho que estejas realmente consciente da decisão que tomaste e quais serão as consequências de tudo isto.

– Miguel, já chega. Já tivemos esta conversa demasiadas vezes. Sim, é verdade, eu não sei quais serão as consequências desta decisão, mas prefiro o que quer que possa acontecer do que continuar a viver como tenho vivido nos últimos anos…

– E nós? – Os seus olhos estão encarnados pelo esforço que está a fazer para travar o choro.

– Eu não quero que esperes por mim. Segue com a tua vida. Não quero que te prendas por mim nem quero sentir que não serás feliz por minha causa.

– Achas que eu vou conseguir ser feliz sem ti?

Afasto-me um pouco mais dele, encostando as minhas costas à porta do carro. A minha cara está séria. Quero que ele me encare e que

consiga entender que as minhas palavras são sinceras e que não carregam qualquer ilusão.

– Eu sei que tudo isto não é fácil. Estivemos quatro anos juntos e tu tornaste-te no meu melhor amigo, mas repara bem… éramos mais amigos do que qualquer outra coisa. – Ele tenta interromper-me, mas eu continuo o meu discurso: – Não estou a dizer que não nos amávamos nem que não nos amamos, mas já não estamos apaixonados. Estamos presos ao que antes éramos e que não voltaremos a ser. E sim, vais ser feliz sem mim. Tenho a certeza.

– Eu não te amei como amiga – replica.

– Eu sei que estiveste apaixonado por mim. Eu também estive apaixonada por ti, mas não somos um casal apaixonado há muito.

– Não digas isso, sabes que não é verdade.

Tenho pensado demasiado nisto desde que decidi ir para a Tailândia. Mesmo antes de comprar o bilhete, comecei a analisar aquilo que fazíamos. Já não dávamos as mãos na rua, já não fazíamos amor com a luz acesa e com o desejo que nos fazia ir até à minha cama assim que chegávamos a casa. Tornámo-nos companheiros. As nossas tardes eram ocupadas com filmes e a falar sobre a vida. Beijávamo-nos para nos cumprimentarmos e abraçávamo-nos quando eu chorava. Tornámo-nos frios, distantes e menos apaixonados. O tempo começou a deteriorar aquilo que tínhamos e nós permitimos tal coisa.

– Acho que me acabarás por dar razão, e precisas desta distância mesmo que não o saibas. Precisas de voltar a sentir a vida como a sentias quando começámos a namorar.

– Queres que eu concorde contigo, mas não o irei fazer.

Não sei o que lhe dizer mais pois não aguento ser a culpada da sua dor, quando ele sempre trouxe a cura para os meus problemas. Sei que, por mais que também me arda no peito esta despedida, não o devo demostrar, pois não quero deixar esperanças que não existem. Quero que ele procure o amor que eu sei que está à espera dele. Não digo isto facilmente, pois custa-me pensar que o seu pescoço terá outro perfume para além do meu e que os seus segredos irão ter como casulo outra alma que não a minha, mas sei que o amor é mais do que aquilo que lhe tenho oferecido, mesmo que ele não o queira crer.

Não há nenhuma parte de mim que odeie o Miguel e nem sequer tenho um pequeno arranhão em seu nome, mas sei que hoje lhe es-

tou a vincar na pele dores profundas, iguais àquelas que ele sempre tentou que eu não sentisse, mesmo que não fosse ele a criá-las. Sei que estou a ser a desilusão que ele nunca tinha sentido e o primeiro amor que se está a despedir sem uma razão demasiado forte para que entenda que não pode reverter o nosso final para uma continuação. É duro saber que, para além de sentir que o seu olhar se tem transformado nos últimos seis meses, também lhe estou a estragar as nossas memórias simples e puras.

Assim que saio do carro, começo a ouvir outros idiomas. As malas estão demasiado pesadas, parecendo que querem combinar com os meus pensamentos. Antes de chegar à zona do *check-in*, decidimos ir beber um café, o dele com um pacote e meio de açúcar e o meu sem nada. Eu rio enquanto ele agita o café pois sabe que eu sempre achei que quem precisa de um café tão doce, não gosta realmente de café. Enquanto o Miguel sorri, mostrando que entendeu a nossa piada, eu olho para os seus olhos castanhos e sinto saudade. Não sei como irei sobreviver sem ele. Fico triste de ter de ser fria quando ele tem sido uma das principais razões de ter andado às voltas na cama nas últimas noites, mas sei que isto é o melhor que posso fazer por ele. Quero que ele consiga pôr um ponto final na nossa relação e que comece a lutar por uma felicidade só sua o mais rapidamente possível.

Vamos em silêncio até à zona de *check-in*, onde entrego a mala de porão. O meu peito arde com a fome que tenho do mundo, unindo-se ao medo que tenho do desconhecido. Caminho a seu lado até à zona em que nos iremos separar e sinto a nossa distância física a aumentar, como se os nossos corpos já se estivessem a despedir sem a nossa autorização.

Assim que chegamos, estão à nossa volta casais com lágrimas duras e despedidas intensas embrulhadas em abraços sentidos. Parece que a vida quer que soframos mais. Quero sentir o conforto dos seus braços mais uma vez, para que eu também possa ter um último momento na minha memória que me ajude a fechar a página e a seguir em frente, mas sei que tenho de avançar sem ele e que não posso prometer-lhe com gestos aquilo que não irei conseguir cumprir. Com a minha voz estremecida, tento pôr fim ao silêncio.

– Bem… tenho de entrar. Obrigada por me teres trazido. Desculpa por tudo. – Olho para o chão para tentar travar as lágrimas. – Espero

que sejas feliz. – Acabo por dizer pois nenhuma frase consegue mostrar o quão agradecida me sinto por o ter conhecido e por ter vivido tantos momentos bons a meu lado.

– Amar-te-ei sempre – diz-me e puxa-me para os seus braços. Eu fecho os olhos e aperto-o com força. Enquanto não nos largamos, sinto o seu cheiro a atravessar as minhas roupas e a ficar em mim. Dá-me uma certa paz, pois sinto que desta maneira irei fazer uma viagem com ele e que não estarei inteiramente sozinha.

– Também eu. Sempre – sussurro-lhe ao ouvido e solto-me do seu abraço.

Vou-me afastando aos poucos em direção à zona de segurança sem olhar para trás. Todo o meu corpo treme e começo a chorar por sentir que acabei de dar início ao novo capítulo da minha vida. É completamente assustador e simultaneamente excitante.